

Resumo: A hibridização refere-se a um modo de conhecimento e de ação associados com o híbrido. E esta última ideia denota os interstícios, a rede de relacionamentos, os lugares e as instâncias que, à medida que fundem as suas essências e experiências, geram novas produções e reproduções de si mesmos. O hibridismo é percebido por várias escolas de pensamento e por muitos autores literários como uma das principais armas contra o colonialismo. Isto é especialmente verdadeiro para os teóricos do pós-colonialismo, como Edward Said e Homi Bhabha.

Se o entendimento do hibridismo é fundamental para a reflexão que os Estudos Pós-Coloniais empreendem sobre a nossa sociedade intercultural, também é verdade que essa escola de pensamento mostra-se, ela própria, híbrida desde as suas origens. Na verdade, na nossa era pós-colonial, os textos literários e até mesmo a escrita científica (histórica, sociológica, etc.) exibem uma natureza cada vez intercultural.

Mas como podem estes ‘Estudos Híbridos’, de que uma manifestação recente é a Híbridologia, através de um historiador, um sociólogo, um antropólogo ou um crítico literário, detectar tais significados públicos polissémicos que conduzem a uma mais intensa comunicação intercultural? Uma das respostas possíveis pode ser a seguinte hipótese: *além da leitura e escrita de saberes especializados, os conceitos comuns (um termo central na fenomenologia sociológica de Alfred Schutz), utilizados por pessoas comuns de diferentes origens culturais numa base diária, pode constituir uma das chaves para a compreensão mútua entre as diferentes culturas hoje interligadas nas nossas sociedades pós-coloniais globais.*

Palavras-chave: Hibridismo; Pós-colonialismo; Sociedade intercultural híbrido; Híbridologia Social, redes comuns de conflito e significado.

1 . O Híbrido

A **hibridização** refere-se a um modo de conhecimento e de ação associados com o **híbrido**. E esta última ideia denota os interstícios, a rede de relacionamentos, os lugares e as instâncias que, enquanto fusionam as suas essências e experiências, geram novas produções e reproduções de si próprios.

Com efeito, o híbrido é a essência de quase tudo o que existe. Nada é puro, seja na natureza ou na sociedade. Desde a Antiguidade, este termo tem sido associado com as ideias de mistura, heterogeneidade, mestiçagem, monstruosidade, etc. Uma das suas raízes genealógicas é a palavra latina *hybrida*, usada para categorizar a descendência do cruzamento de um javali com uma

Hibridação e pós-colonialismo

Pedro Andrade¹

Centro de Estudos de
Comunicação e Sociedade,
Universidade do Minho,
Portugal

¹ Sociólogo, Investigador e Professor na Universidade of Minho, Instituto de Ciências Sociais, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Portugal. Áreas de pesquisa: estudos culturais, museus de arte / ciência, comunicação e literacias digitais, redes sociais digitais (Web 2.0/3.0), metodologia sociológica / hipermédia. Coordenador de projetos de pesquisa financiados desde 2000. Membro do projeto *Art and Social Inclusion* (King’s College, Universidades de Loughborough, Plymouth, Louvain, etc.). Teorias seminais e conceitos desenvolvidos: Sociologia semântico-lógica, cibertempo, museabilidade, Sociedade da Investigação, híbridédia, etc. Obras e eventos em híbridédia: *Film Saboté Spatial n.º 1*, 1975; *Body Cinema*, 1976; *Hybrilog* 2005-6; *Hybrid/Satirical Games*, 2006; *GeoNeoLogic Novel* (2009), *Sociological Comics* (2013). Co-autor: *Multi-touch Questionnaire/Trichotomies Game*, 2010.

E-mail: pjoandrade@gmail.com

fêmea de um porco doméstico. O termo gradualmente adquiriu o significado da mistura de duas ou mais coisas de natureza diferente, em várias áreas de atuação e em diversos ramos do saber.

Por exemplo, na Biologia, na concepção da própria vida, a criança é vista como um híbrido de duas naturezas, masculina e feminina. Na sociedade, a mediação é um híbrido de duas entidades polares, sejam elas o indivíduo e a sociedade, o humano e a máquina, ou outras combinações. Do mesmo modo, as teorias mediadoras tornam-se híbridos que emergem de várias teorias polares ou mesmo de outras teorias intermediárias.

Assim sendo, vivemos hoje numa **sociedade híbrida e intercultural**, onde diferentes e até mesmo conceitos opostos de identidade fundem-se de novas maneiras. Já Mikhail Bakhtin (1981 [1930]) notou que, nas culturas modernas, o próprio surgimento do significado deriva, entre outras condições, da natureza híbrida da própria linguagem, a sua *poliglossia*.

Esta consciência do hibridismo põe em causa as dicotomias clássicas que moldaram a nossa compreensão tradicional das culturas. Em *Inovação da Narrativa e Reescrita Cultural na Era da Guerra Fria e Posteriormente* (2001), Marcel Cornis-Pope aplica esta ideia à criação cultural e literária do período pós-Segunda Guerra Mundial, apontando o grau em que as dualidades tradicionais de raça, género, classe e oposições narratológicas como Realismo / Formalismo, e imitação / invenção, são questionadas e transcendida por escritores do pós-guerra atentos aos cruzamentos híbridos.

Artur Matuck assume uma posição similar em “Tecnologias Digitais e o Futuro da Escrita” (2009), argumentando que

“A descodificação dessa realidade híbrida requer uma percepção aberta e apurada que só se faz mediante a reformulação de estruturas fundamentais que informam o ser humano, a cultura, a história, o planeta, as identidades, a criação científica e a própria linguagem “ (p. 293) .

Por sua vez, Peter Anders enfatiza a importância dos ‘cíbridos’ para a cultura contemporânea, definindo-os como combinações de imagens físicas, de imagens simbólicas ou de imagens digitais; ou ainda como híbridos entre entidades mediadas e as físicas, ou, finalmente, enquanto fusões entre o físico e o eletrónico (“Towards an Architecture of the Mind”, 2009).

No entanto, uma nova arena social surge na contemporaneidade. Distintamente da blogosfera, uma **híbridosfera** existe hoje em dia, em particular no seio do ciberespaço e em cibertempo. Este espaço virtual emergente e imersivo consiste não somente em múltiplos sites, blogs ou redes sociais. Para além disso, a própria natureza de cada um desses lugares virtuais interage com os outros, transformado-se e hibridizando-se todos eles reciprocamente no seu mais profundo significado social, no seio de um mesmo processo. Por exemplo, o *Hybrilog*, um blogue experimental publicado desde 2006, foi construído não só a partir de diversos meios de comunicação relacionados, como um mero sistema de hipermédia, mas usando diversos blogs com diferentes naturezas.

O que resultou foi um espaço virtual *sui generis*, caracterizado por uma **hibridização dos meios de comunicação** a ele subjacentes, e não apenas circunscrito pela conexão hipermediática ‘simples’ (ou por vezes ‘simplista’) entre os seus conteúdos (ver Andrade, 2006). Mais especificamente, o *Hybrilog* consiste em seis diferentes tipos de blog: um blog textual ‘clássico’; um blog contendo vídeos, chamado ‘vlog’; um terceiro blog, contendo vídeo-poesia, de nome ‘pvlog’ (a partir da justaposição de ‘p’ para a poesia e ‘vi’ para vídeo, seguido da abreviatura ‘log’); outro blog contendo arte digital, nomeado ‘artlog’; um quinto blog onde obras hipermídia foram incluídas, apelidado ‘hyplog’; e, finalmente, um sexto blog exibindo jogos, ou ‘gamelog’.

2 . Hibridismo / Pós-colonialismo

O hibridismo é entendido por várias escolas de pensamento e por muitos autores literários enquanto uma das principais armas contra o colonialismo. Isto é especialmente verdadeiro para os teóricos do pós-colonialismo, como Edward Said e Homi Bhabha; para os sociólogos e antropólogos que trabalham em Estudos Culturais por ex. Stuart Hall e Néstor García Canclini; e para os escritores pós-coloniais ou representantes do ‘realismo mágico’, como Isabel Allende, Gabriel García Márquez, Salman Rushdie e Milan Kundera.

Stuart Hall (1996) atribuiu uma ‘crise de identidade’ (pp. 1-17) ao nosso mundo intercultural, que consiste num declínio das identidades tradicionais e o surgimento de novas formas de identificação. Em *Consumidores e Cidadãos: Globalização e Conflitos Multiculturais* (2001), Canclini ressalta o fato de que a hibridação é uma passagem da multiculturalidade para a interculturalidade, através de cruzamentos e transações entre diferentes identidades.

A partir desta perspectiva, as **literacias híbridas** constituem uma condição necessária para a desconstrução do discurso colonial e a posterior reconstrução das literacias e literaturas pós-coloniais. ‘**Literacia**’ pode ser definida como um conjunto de estratégias de leitura e escrita inerentes a um modo específico de conhecimento. Além dos regimes de leitura e escrita numa língua-mãe ou nacional, hoje estamos a assistir a uma proliferação de diversas literacias sociais subjacentes a várias linguagens que operam na nossa contemporaneidade pós-colonial. Por outras palavras, a língua nacional é apenas um caso particular dentro da pluralidade de linguagens e vozes em todo o mundo. Assim, podemos falar de literacias científica, tecnológica, artística, etc. Por exemplo, as literacias literária e cultural são modos de ler e de escrever linguagens culturais e literárias específicas. Em particular, a literacia digital é composta por uma hermenêutica social (a leitura) articulada com uma retórica social (a escrita) e envolvendo saberes digitais.

No entanto, as literacias híbridas não são meras adições de outras literacias menos ‘elaboradas’. Por exemplo, uma **literacia pós-colonial** não pode ser entendida apenas como a justaposição de literacias ‘ocidentais’ e ‘orientais’, as primeiras supostamente baseadas num regime de leitura/escrita mais racional e ‘evoluído’ do que as segundas. Em vez disso, as literacias híbridas geralmente operam através de tipos complexos e múltiplos de competências e performances, ativados por agentes sócio-culturais identitariamente diferentes, envolvendo a leitura e a escrita não apenas no interior das suas próprias culturas, mas também e principalmente no seio de culturas estrangeiras.

De fato, as literacias híbridas muitas vezes trabalham para desenvolver **multivocalidades de alteridade**. Por outras palavras, o entendimento do outro é baseado não apenas em processos interpretativos de leitura e / ou de escrita sobre as alter-culturas, mas também em termos de comunicação quotidiana e respectiva interpretação dos seus significados inerentes, no seio de contextos sociais distintos mas articulados. Ou seja, a compreensão pública das culturas plurais conduz a uma melhor comunicação pública plural entre as culturas, e vice-versa.

3. A Hibridologia Social

Se a realidade da hibrididade e a sua natureza polissémica, revelam-se centrais para a reflexão por parte dos Estudos Pós-coloniais sobre as nossas sociedades interculturais, também é verdade que esta escola de pensamento é, ela própria, híbrida desde as suas origens. Na verdade, na nossa era pós-colonial, os textos literários e até mesmo a escrita científica (histórica, sociológica, etc) exibem cada vez mais uma natureza permeável, dialógica, cúmplice, articulatória, reticular, numa palavra: híbrida.

Como argumentei mais de uma década atrás, dois grandes modos de escrita encontram-se paulatinamente enfrentando-se uns aos outros: as ‘escrita unívoca e escrita híbrida’. Ao contrário da escrita unívoca, a escrita híbrida

“demanda, abertamente ou não, a impureza, o contato coincidindo com o contrato, a contaminação através da comunicação. Na verdade, esta escrita de fusão considera que tais processos, ambíguos (ie, mistos), mas também ambíguos subjacentes à escrita híbrida, tornaram-se hoje em dia, cada vez mais, a forma polissêmica das relações sociais”. (Andrade, “A unidade e a hibridação das escritas”, p. 8).

Um exemplo prático desta escrita híbrida e experimental na literatura é a *Novela GeoNeoLógica* (Andrade, 2009).

Em suma, os escritos literários e científicos podem metamorfosear-se, no curto prazo, naquilo que chamei **Hibridologia Social**. Esta nova estratégia de escrita e do conhecimento pode ser entendida não apenas como (a) uma reflexão sobre o híbrido, mas também como (b) ela mesma sendo um híbrido. Por outras palavras, a Hibridologia social é um gênero de Hermenêutica que utiliza diferentes formas de interpretação (por vezes opostas na sua natureza) e visando uma compreensão mais profunda das várias literacias existentes hoje, literacias que são, elas próprias, muitas vezes hibridizadas.

Na confluência destas incomensuráveis literacias, a Hibridologia Social emerge como uma modalidade única para conhecer, ler e escrever nas nossas culturas pós-coloniais contemporâneas, especialmente no seio das redes sociais. As redes sociais não incluem apenas as redes sociais digitais, mas também, como Georg Simmel argumentou, as teias de relações sociais e de interação interpessoal que ocorreram em todas as sociedades da história. Por exemplo, ao estudar os conflitos humanos, Simmel destaca sejam (a) as relações objetivas (oposição, concorrência, etc) entre os diversos interesses económicos, sociais e políticos, como aqueles dos nobres e do rei na Europa do século XIII, ou (b) as relações intersubjetivas entre os indivíduos, como o amor (p. 24). O autor também fornece uma reflexão mais profunda sobre a forma das redes sociais (p. 125) .

A Hibridologia Social é, pois, uma postura heurística que reflete sobre os processos, estruturas, contextos, práticas, criaturas e objetos que não só proliferam nas nossas sociedades, como são modos constituintes fundamentais de todo o tecido social. Esta perspectiva concentra-se tanto na literacia do híbrido quanto em inéditos tipos de conhecimento do passado e do presente das cenas e cenários (pós) coloniais.

4. Redes comuns de significado e conflito

Mas como podem estes ‘Estudos Híbridos’, de que uma manifestação recente é a Hibridologia, através de um historiador, um sociólogo, um antropólogo ou um crítico literário, detectar tais significados públicos híbridos que conduzem a uma mais intensa comunicação intercultural? Uma das respostas possíveis é a seguinte hipótese: *além da leitura e escrita de conhecimentos especializados, os **conceitos comuns** (um termo central na fenomenologia sociológica de Alfred Schutz), utilizados pelas pessoas comuns de diferentes origens culturais numa base diária, pode revelar-se uma das chaves-mestras para a compreensão mútua entre as diferentes culturas hoje interligados nas nossas sociedades pós-coloniais globais.*

Na verdade, o termo ‘comum’ pode ser considerado com ambas as conotações de ‘comum’ e ‘coletivo’. Dito de outro modo, talvez o conhecimento comum possa funcionar como um dos pilares coletivos para a intercomunicação entre as diversas visões planetárias. De fato, o saber comum é muitas vezes visual, sonoro ou gestual, atributos que constituem, de algum modo, línguas universais. E, nas mensagens textuais, podemos pesquisar línguas lógicas subjacentes: por vezes, essas linguagens lógicas são mais semelhantes entre diferentes culturas do que se pode pensar à partida, mesmo

depois de ler Lévi-Strauss; outras vezes, estas lógicas encerram dimensões seminais e singulares, i.e. originárias e originais, que podemos usar para estabelecer conexões e complementaridades entre diferentes formas de pensamento e de cultura.

Assim sendo, o choque de civilizações (S. Huntington) é muitas vezes um **conflito de significados**, como H. Bhabha (1997) refere, quando este autor fala sobre a resistência discursiva contra o colonialismo, através do ‘mimetismo’ e de outras ideias. Ao mobilizar o hibridismo, os conhecimentos ‘negados’ pelas potências colonialistas voltam, e podem sugerir ‘regras de reconhecimento’ alternativas relativamente às sociedades e culturas pós-coloniais contemporâneas. Uma tal contribuição pode ser útil, se a articularmos a uma postura mais política de resistência, defendida por E. Said (2004) e outros, do outro lado, mas que, afinal, não deixam de pertencer, igualmente, às nossas localidades no seio das redes sociais e interculturais planetárias deste globo-novelo que se desvela neste mundo-novela.

Referências Bibliográficas

Anders, P. (2001). “Towards an Architecture of the Mind” in *CAIIA-STAR Symposium: Extreme Parameters. New dimensions of Interactivity*, 11-12, July.

Andrade, P. (2013). “Postcolonial Co-Ordinary Literature and the Web 2.0/3.0: ‘Thinking Back’ within Transmediatic Knowledge” in Cornis-Pope M. (Ed.), *Crossing Borders, Crossing Genres: New Literary Hybrids in the Age of Multimedia Expression*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, pp. 204-243.

Andrade, P. (2011). *Novela GeoNeoLógica nº 1: um Caso de Literatura Transmediática/Primeira Novela da Web 3.0*. Lisboa: Caleidoscópio.

Andrade, P. (2006). Hybrilog. [Url: <http://homepage.mac.com/pandrade4/Hybrilog>, acessado em 26/11/2009].

Andrade, P. (1999). “A unidade e a hibridação das escritas” (Unity and Hybridization of Writing) in *Atalaia*, 5, pp. 7-13.

Bakhtin, M. (1981 [1930]). *The Dialogic Imagination: Four Essays*. Holquist, M. (Ed.); Trad. Vadim Liapunov e Kenneth Brostrom. U Texas P.

Bhabha, H. (1997). *The Location of Culture*. London; New York: Routledge.

Canclini, N. (2001). *Consumers and Citizens: Globalization and Multicultural Conflicts*. Trad. George Yúdice. Minneapolis: Minnesota UP.

Cornis-Pope, M. (2001). *Narrative Innovation and Cultural Rewriting in the Cold War Era and After*. New York; Houndmills; Basingstoke: Palgrave/Macmillan.

Hall, S. & Du Gay, P. (1996). *Questions of Cultural Identity*. London: Sage.

Matuck, A. (2009). “Tecnologias digitais e o futuro da escrita: uma perspectiva para a informação científica” (Digital Technologies and the Future of Writing: A Perspective on Scientific Information) in *Artemídia e cultura digital* (Media Arts and Digital Culture). São Paulo: MUSA, pp. 290-301.

Said, E. (2004). *Humanism and Democratic Criticism*. New York: Columbia UP.

Simmel, G. (2010). *Conflict and the Web of Group Affiliations*. Trad. Kurt H. Wolff and Reinhard Bendix. New York: Simon and Schuster.